

Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica

Ema Mendes & Victor Cláudio

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Este estudo teve por objectivo investigar as crenças dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. As crenças foram avaliadas através da Escala de Crenças em relação à Violência Conjugal (ECVC) construída por Machado, Matos & Gonçalves (2006). No geral os estudantes manifestaram uma baixa legitimação da violência doméstica, contudo foram encontrados valores superiores de legitimação, no género masculino, na faixa etária mais jovem (18 aos 20 anos) e nos estudantes de engenharia. Os resultados obtidos remetem para a necessidade de desenvolver acções de formação nesta área, uma vez que a informação acerca desta tem influência nas crenças dos estudantes, sendo fundamental que se debatam questões socioculturais e o papel-género desde cedo nas camadas mais jovens, não só pela propensão que parece existir para banalizar a violência, como pela tendência que existe para este padrão relacional se perpetuar no futuro e nalguns casos agravar-se.

Palavras-chave: Violência doméstica, crenças e estudantes universitários.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Violência doméstica

De acordo com a *Comissão para a cidadania e igualdade de género* (2008) a violência contra as mulheres tem origem nos tempos mais remotos, nos quais as relações de autoridade entre homens e mulheres eram diferenciadas, sendo que as mulheres eram controladas e discriminadas, impossibilitando a sua evolução na sociedade.

Ao longo do tempo tem se assistido a uma banalização da violência por parte dos mais jovens que atribuem a esta conduta meros actos de ciúme e amor

Emergindo assim um novo conceito: a “violência no namoro”.

James, West, Deters e Armijo (2000) referem que pelo menos 25% dos adolescentes vivenciaram abuso físico e psicológico nas suas relações de namoro. De acordo com os autores, temos assistido, ao longo do tempo, a um aumento da tolerância da violência doméstica pelos adolescentes, sendo considerada por estes, como um sinónimo de amor entre um casal.

Segundo um estudo realizado por Machado, Matos & Moreira (2003) as vítimas e agressores tendem a minimizar a “pequena violência” e esta tem propensão para se agravar ao longo do tempo.

1.2. Crenças e Atitudes

Segundo Beck (1979) durante o desenvolvimento através da interacção com o meio, formamos crenças acerca do que nos rodeia. De acordo com o autor, uma crença desenvolve-se na infância através da interacção com pessoas significativas e um conjunto de acontecimentos que comprovam a ideia inicial.

De acordo com Cláudio, Pereira e Robalo (1994) as atitudes e as crenças influenciam a forma como seleccionamos e avaliamos informação que recebemos do exterior

Segundo os autores é essencial compreender quais as atitudes e crenças dos indivíduos para poder delinear programas de prevenção com um impacto eficiente

1.3. Crenças e Atitudes na Violência Doméstica

As crenças acerca da violência doméstica são o recurso que temos disponível para interpretar e responder perante este fenómeno.

De acordo com Bandura (1979) a valência positiva ou negativa atribuída à violência doméstica vai determinar o nosso comportamento. Deste modo, e segundo o autor, se tivermos crenças que sustentem a validade da violência doméstica, avaliamos este fenómeno positivamente e, do mesmo modo, as atitudes produzidas pela nossa apreciação influenciam o nosso comportamento legitimando, desta forma, este tipo de conduta.

2.OBJECTIVOS DO ESTUDO

Duarte e Lima (2006) afirmam que um número considerável de participantes já experienciou em relações de namoro violência física e/ou psicológica, alertando para o facto deste flagelo social se estar a propagar às camadas mais jovens.

Deste modo, este estudo teve por objectivo investigar as crenças e atitudes dos estudantes universitários acerca da violência doméstica com o intuito de verificar qual o

seu grau de tolerância/aceitação e qual o tipo de crenças que levam à legitimação desta conduta.

2.1.Hipóteses:

Hipótese 1 - Existem diferenças significativas nas crenças acerca da violência conjugal entre os géneros

Hipótese 2 - Existem diferenças significativas nas crenças acerca da violência conjugal entre os escalões etários

Hipótese 3 - Existem diferenças significativas nas crenças acerca da violência conjugal em função do curso frequentado

3.METODOLOGIA

3.1.Instrumentos

Para avaliar as crenças e atitudes dos estudantes relativamente à violência física e psicológica em contexto conjugal utilizou-se a escala de crenças sobre a violência conjugal (ECVC) construída por Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). Esta é constituída por 25 itens com resposta de 1 a 5 pontos, sendo o 1 “Discordo totalmente” e o 5 “Concordo totalmente”.

O total da escala mede o grau de tolerância/aceitação da violência em contexto conjugal. Sendo decomposta por 4 factores de legitimação para avaliar o tipo de crenças.

No factor 1 “legitimação e banalização da violência doméstica”: encontramos as crenças que normalizam a pequena violência, os “insultos”, por exemplo. “Os insultos são normais entre um casal.”. O factor 2 “legitimação da violência pela conduta da mulher” refere-se à validação da violência conjugal pelo comportamento da mulher (“Se as mulheres se comportarem como boas esposas não serão maltratadas”). O factor 3 “Legitimação da violência pela atribuição a causas externas” justifica a violência através de factores externos, como por exemplo, o álcool ou desemprego. (“A causa da violência é o abuso do álcool.”). No factor 4: “legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar” a violência é justificável para preservar a intimidade do lar (“A violência conjugal é um assunto privado. Deve ser resolvido em casa.”)

3.2.Procedimentos

A escala foi administrada individual ou colectivamente consoante a disponibilidade dos participantes.

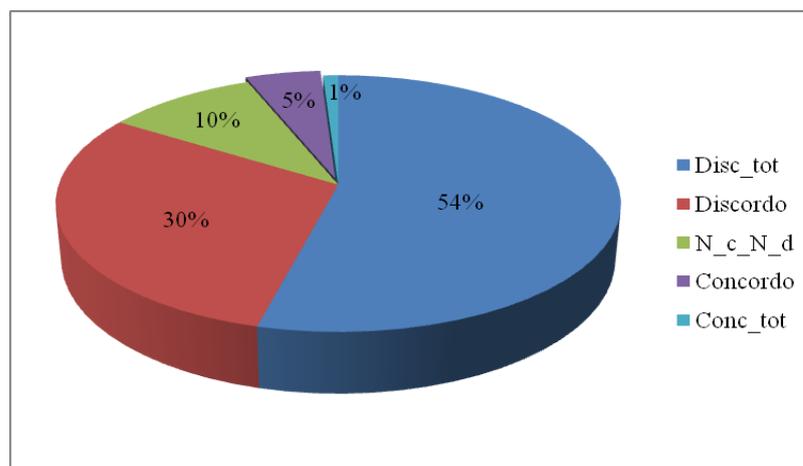
Depois de serem fornecidas as devidas explicações acerca do estudo e esclarecidas todas as dúvidas, foram entregues as cartas de consentimento informado.

3.3.Participantes

Participaram no estudo 363 estudantes universitários 44% do género masculino e 56% do género feminino, na faixa etária dos 18 anos aos 39 anos, sendo que 65,4% pertencem ao escalão etário dos 21 aos 25. Os sujeitos inquiridos estudam em diferentes faculdades de Lisboa, Évora, Beja e Faro. Amostra por conveniência.

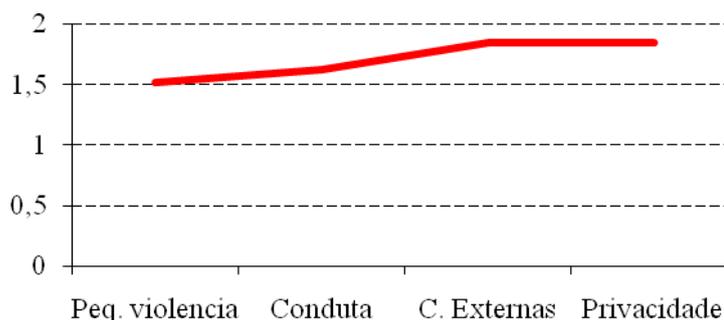
4.RESULTADOS

Gráfico nº 1 - Percentagens do tipo de respostas dadas pelos sujeitos inquiridos na escala ECVC



No geral os estudantes demonstraram uma discordância referente à legitimação da violência conjugal, com 54% das respostas situadas no “*Discordo totalmente*” e 30% no “*Discordo*”.

Gráfico nº 2 – 4 Factores de Legitimação da ECVC



Os factores que os sujeitos utilizaram com maior frequência para tolerar a violência foram a sua atribuição a causas externas e preservação da intimidade familiar.

Foram encontradas diferenças significativas nos dois géneros ($t=7,309$; $gl=356$; $p < .05$), sendo que o género masculino apresentou uma maior aceitação da violência. Estas diferenças verificam-se de igual modo em cada um dos factores de legitimação. Nos estudantes do género masculino encontra-se uma maior banalização da pequena violência nas relações ($t=6,854$; $gl=356$; $p < .05$), estes consideram com maior frequência que certas condutas da mulher são responsáveis pela violência doméstica ($t=7,105$; $gl=356$; $p < .05$), justificam, de igual modo, com maior frequência este abuso com base nas causas externas, entre as quais, álcool, drogas ou desemprego ($t=5,914$; $gl=356$; $p < .05$) e dão maior relevância à preservação privacidade familiar ($t=6,987$; $gl=356$; $p < .05$).

Verificam-se, de igual modo diferenças significativas no que se refere à legitimação da violência doméstica nas faixas etárias ($t=4,059$; $gl=2;355$; $p < .05$), sendo que os estudantes mais novos (até aos 20 anos) obtêm valores significativamente mais elevados de legitimação do que os estudantes da faixa etária dos 21 aos 25 anos. Nos factores de legitimação a diferença entre estas duas camadas etárias mantém-se. Os estudantes mais novos apresentam uma maior tendência para minimizar a pequena violência na relação ($F=4,848$; $gl=2;355$; $p < .05$), consideram com maior frequência que as mulheres merecem este tipo de abuso nas relações ($F=2,687$; $gl=2;355$; $p < .10$), atribuem, da mesma forma, com maior frequência, a culpa da violência aos factores externos ($F=4,263$; $gl=2;355$; $p < .05$) e consideram ser mais importante proteger a intimidade do lar ($F=3,607$; $gl=2;355$; $p < .05$) do que os estudantes da faixa etária dos 21 aos 25 anos.

Encontram-se também diferenças significativas ao nível do tipo de formação académica (33,603; $gl=2;355$; $p < =.05$). Sendo que os estudantes de engenharia obtêm valores significativamente mais elevados de legitimação do que os estudantes de enfermagem. Estas diferenças verificam-se de igual modo em três dos factores de legitimação. Nos estudantes de engenharia encontra-se uma maior desvalorização da pequena violência nas relações ($F=37,566$; $gl=2;355$; $p < =.05$), estes responsabilizam com maior frequência a conduta da mulher pela violência doméstica ($F=33,353$; $gl=2;355$; $p < =.05$) e consideram mais importante resguardar a privacidade familiar ($F=27,206$; $gl=2;355$; $p < =.05$) do que os estudantes de enfermagem. Os estudantes de engenharia imputam, com maior frequência as causas externas, para este tipo abuso ($F=19,238$; $gl=2;355$; $p < =.05$) do que os estudantes de psicologia.

5.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS

Independentemente dos sujeitos maioritariamente revelarem baixa concordância no que concerne à legitimação da violência conjugal. Consideramos relevante à violência doméstica, é necessário referir que 16% das respostas se localizarem entre o “*Não concordo, nem discordo*” e no “*Concordo totalmente*”. Os 10 % que se referem ao “*Não concordo, nem discordo*” poderão traduzir um desinteresse dos sujeitos face à violência doméstica ou então indicar que estes ponderarem a utilidade da mesmas em determinadas situações.

Apesar da baixa frequência de respostas como o “*Concordo*” (5%) e o “*Concordo totalmente*” (1%), consideramos relevante, salientar que ainda encontramos respostas dos estudantes que legitimam a violência com base em crenças, o que gera uma tolerância destas condutas abusivas, continuando no futuro.

Um dos principais objectivos deste estudo foi investigar se existiam diferenças no tipo formação académica, com o intuito de verificar se a informação relativamente a esta temática exercia influência nas crenças acerca da mesma. Sendo, deste modo, essencial referir, que o facto de a amostra ser constituída, maioritariamente, por estudantes de duas áreas que têm contacto com esta temática durante a sua formação académica poderá ter gerado os baixos valores encontrados ao nível da aceitação da violência.

Apesar dos baixos valores de tolerância presentes neste estudo, foram encontradas diferenças significativas ao nível do género, idade e tipo de curso frequentado.

As diferenças encontradas entre os géneros vão de encontro com um estudo realizado por Bryant e Spencer (2003), sendo que nesta, os estudantes do género masculino, frequentemente, alegam que a violência surge como reacção a um desafio prévio da mulher. Da mesma forma, confirmam as investigações desenvolvidas por Machado Matos e Moreira (2003), Matos, Machado, Caridade e Silva (2006), Pérez, Fiol, Palmer e Guzmán (2006), e Caridade, Machado e Vaz (2007), as quais demonstraram uma maior legitimação da violência por parte dos estudantes género masculino.

Isto poderá dever-se a alicerces socioculturais, como os papéis-género, nos quais a mulher sempre assumiu uma posição subordinada ao homem.

No que se refere aos escalões etários, encontramos na faixa mais jovem (dos 18 aos 20 anos) uma certa tendência para desvalorizar esta conduta violenta nas relações. Este facto, torna-se preocupante, por sua vez, sendo que segundo Machado, Matos e Moreira (2003) numa investigação sobre a violência universitária, tanto os agressores como as vítimas e agressores têm propensão a menosprezar a gravidade da pequena violência e orientam-se através deste comportamento no futuro.

Estes resultados vão de encontro, com uma investigação desenvolvida por Machado, Matos e Moreira (2003), nesta estudantes de engenharia, apresentaram uma maior legitimação da violência do que os estudantes de psicologia. As diferenças no tipo de curso frequentado confirmam, da mesma forma, os estudos realizados por Pérez, Fiol, Palmer, e Guzmán (2006) e Pérez, Fiol, Palmer, Espinosa e Guzmán (2006) que evidenciaram que a informação referente à violência doméstica influencia o tipo de crenças e atitudes face à mesma.

Estes resultados poderão ser explicados pelo facto desta temática estar presente nos planos curriculares dos estudantes de enfermagem, assim como, pelo o facto de estes terem contacto com vítimas durante o estágio curricular. Temáticas, como a violência doméstica, são trabalhadas, durante a formação académica, pelos estudantes de psicologia, o que faz com que estes estejam mais sensibilizados para este tipo de questões. Ao passo que os estudantes de engenharia não contactam com este tema durante a sua formação académica.

Deste modo, podemos considerar que as crenças dos estudantes relativamente à violência doméstica são influenciadas pela informação obtida acerca da mesma.

A revisão literária evidencia que percebemos o que os circunda através da “lente” das nossas crenças, menosprezando as informações que são antagónicas com estas e sobrevalorizando as que lhe são harmónicas (Beck, 1997). Deste modo, a aceitação da violência doméstica (quer da parte da vítima, do agressor ou de terceiros) é resultante de falsas crenças acerca da mesma, desde a banalização da pequena violência, à sua legitimação através de factores externos ao ofensor (por exemplo, o desemprego) à conduta da mulher ou ainda à necessidade de preservação do lar.

Ainda encontramos a crença de que a mulher está na relação porque quer e que se continua com o agressor é porque gosta da situação em que vive. É então, necessária uma consciencialização de todos no que se refere à problemática da violência doméstica de forma a que as vítimas obtenham o suporte essencial para que estas sintam segurança para terminar este tipo de relações abusivas.

6.CONCLUSÕES

A violência doméstica é um crime contra a integridade física e moral, no qual a vítima vai gradualmente perdendo a sua identidade, destruindo os laços sociais e apresentando quadros depressivos.

O fenómeno da violência no namoro poderá dever-se a um aumento da banalização pela parte dos jovens, uma vez que para estes tudo é normal. A maior aceitação da violência pelo critério de normalidade, frequentemente é associada a actos de ciúme impossibilita tornar consciente aos mais jovens a gravidade deste tipo de conduta.

Emocionalmente dependentes, as vítimas, frequentemente, justificam o abuso como actos de amor, crêem que a violência não se irá repetir e acreditam que podem mudar o comportamento do agressor.

As crenças influenciam os nossos comportamentos, sendo que, como produto da socialização interpretamos o mundo através de crenças interiorizadas desde cedo. A legitimação da violência doméstica é, deste modo, uma consequência de crenças erróneas que desculpabilizam estes actos abusivos.

Assim, enquanto não percebermos quais as crenças subjacentes à violência doméstica e recriminarmos estas relações “românticas”, junto das vítimas (relações construídas através dos livros e dos filmes, nos quais o amor está acima de todos os valores) engrandecemos a percepção que a vítima tem da necessidade do seu “príncipe”, resignando-se a tudo em nome do amor.

Considero, deste modo, fundamental uma intervenção com os jovens desde cedo, na fase em que se iniciam as primeiras relações, insistindo na desmistificação de crenças que legitimam este tipo de conduta para que a banalização da violência seja prevenida e que para haja uma maior consciência da seriedade deste problema nas camadas mais jovens.

6.1. Contributos e limitações

Esta investigação contribuiu para desmistificar a crença de que a violência está somente presente em meios desfavorecidos, ou que só ocorre entre pessoas com baixa escolarização e que têm menos acesso à informação. Embora a população estudada apresente no geral baixos níveis de tolerância referentes à violência conjugal, ainda sustenta algumas crenças que estão por detrás de a aceitação de algumas condutas abusivas.

Este estudo, reforçou o que havia sido demonstrado por outras investigações, uma maior legitimação da violência por parte do género masculino, o que confirma a relevância de formações diferenciais para os dois géneros, com maior incidência no masculino. Insistindo no desmantelamento de estereótipos culturais que ainda verificamos existir pela influência da sociedade patriarcal na qual a mulher tinha um estatuto de inferioridade face ao homem.

Esta investigação contribuiu também para um alerta para a tendência da banalização da violência, uma vez que é a camada mais jovem (18-20 anos) que apresentou valores superiores legitimação, demonstrando que é relevante intervir desde cedo para evitar a escalada da violência ao longo do tempo, pela propensão de perpetuação desta.

As áreas de formação estudadas (enfermagem, engenharia e psicologia) trouxeram do mesmo modo um contributo ao comprovar que o contacto com a temática da violência doméstica influencia as crenças acerca da mesma, sendo que os estudantes

que não abordam estas temáticas ao longo da formação académica (engenharia) foram os que apresentaram uma maior aceitação das condutas abusivas.

Como já foi anteriormente referido, segundo os autores da escala (Machado, Matos e Gonçalves, 2006), apesar de esta ter obtido uma elevada correlação com o IVC, não deverá ser utilizada para despistar condutas violentas. Porém a revisão literária demonstrou que as crenças e atitudes exercem influência sobre o comportamento dos sujeitos.

Finalmente, importa alertar para o facto de os resultados obtidos poderem, nalguns casos dever-se à deseabilidade social uma vez que os itens estão todos construídos no mesmo sentido o que poderá influenciar as respostas dos sujeitos.

6.2.Propostas para futuras investigações

Seria relevante alargar a área geográfica, para uma maior representatividade da amostra, realizando um estudo deste género que englobasse todo o país.

Apesar de este estudo ter contribuído para a desmistificação relativamente à violência nas diferentes classes sociais, e níveis de instrução, considero útil alargar estas investigações para a população jovem não estudante comparando as diferenças entre estes dois grupos.

Seria, do mesmo modo, interessante fazer investigações nesta área, relativamente à homossexualidade e à violência sofrida pelos homens, assim como fazer alusão à violência sexual.

E por fim, uma vez que as crenças se desenvolvem através da socialização, seria útil alargar estes estudos à população que contacta com os jovens, como os professores e os pais, para que haja uma intervenção nas fases mais iniciais de desenvolvimento e para que estas se tornem mais eficientes.

AGREDECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram na realização desta investigação de forma directa. Gostaria de agradecer ainda, àqueles que estiveram presentes de forma indirecta e que me apoiaram acreditando em mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandura, A. (1979). *Psychological mechanisms of aggression*. Cambridge: University Press.
- Beck, A., Rush, a., Shaw, b., & Ermeij, G. (1979). *Terapia cognitiva da depressão*. New York: Copyright.
- Beck, J. S. (1997). *Terapia Cognitiva: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Bryant, S., & Spencer, G. (2003). University Students' Attitudes About Attributing Blame in Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 18 (6), 369-376.
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.
- Cláudio, V., Pereira, M. & Robalo, P. (1994). Sida! A Falsa Protecção que o Amor Tece. *Análise psicológica*, 2-3 (XII): 221-226.
- Duarte, A., Lima, M., (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- James, W., West, C., Deters, K., & Armijo, E. (2000). Youth dating violence. *Adolescence*, 35 (139), 455-465.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). Escala de crenças sobre a violência conjugal (E.C.V.C.) e Inventário de violência conjugal (I.V.C.): Escalas de avaliação e manual. *Departamento de psicologia, Universidade do Minho*.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). Escala de crenças sobre a violência conjugal (ECVC). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa*. 2, 127-140.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55-75.

- Pérez, V., Fiol, E., Palmer, M., & Guzmán, C. (2006). Las creencias y actitudes sobre la violencia contra las mujeres en la pareja: Determinantes sociodemográficos, familiares y formativos. *Anales de psicología*, 22 (002), 251-259.
- Pérez, V., Fiol, E., Palmer, M., Espinosa, G., & Guzmán, C. (2006). La violencia contra las mujeres en la pareja: Creencias y actitudes en estudiantes universitarios/as. *Psicothema*, 18 (003), 359-366.
- PORTUGAL. Presidência do Conselho de Ministros (2008). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. *III Plano Nacional contra Violência Doméstica: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*. Lisboa: C.C. G.